

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUNDAÇÃO IBGE. Censo demográfico; mão-de-obra. Pará. Rio de Janeiro, IBGE, 1982 (Recenseamento geral do Brasil 1980; 9)

ISTO É, Rio de Janeiro, n.490, 14 maio 1986

O LIBERAL. Belém, 30 maio 1980

O LIBERAL. Belém, 13 jun. 1980

RETRATOS DO BRASIL. São Paulo, v. 3, n. 6

SAFFIOTTI, H. Emprego doméstico e capitalismo. Rio de Janeiro, Avenir, 1979

\_\_\_\_\_. Mulher, modo de produção e formação social. Contexto. São Paulo, (4): 45-57, nov. 1977

VIEIRA FILHO, R. D. O emprego doméstico e o capitalismo em Belém. Belém UFPA/CFCH-SEDAP, 1979. 70p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

## "MÃE - PRETA" & "MULATA": RECONSTITUINDO IMAGENS DA MULHER NEGRA\*

Maria Angélica MOTTA MAUÉS  
Antropóloga, professora adjunto II, atuando junto ao Departamento de História e Antropologia da UFPa

Pele encarquilhada, carapinha branca  
gandola de renda caindo na anca  
embalando o berço do filho do senhor  
que há pouco tempo a sinhá ganhou.  
Era assim que Mãe Preta fazia  
criava todo branco com muita alegria  
porém lá na senzala Pai João apanhava  
Mãe Preta mais uma lágrima enxugava  
(Mãe Preta - cantiga do carcereiro popular)

E nos seus requebros e maneiras,  
à sombra esquia das palmeiras  
risonhas, altaneiras a balançar.  
Vem da cor do mar, da cor da mata,  
os olhos verdes da mulata, são tentadores e fa-  
tais, fatais.

E, num beijo ardente perfumado,  
conserva o cravo do pecado, de saborosos cambu-  
cás  
(Olhos Verdes - Samba de VICENTE PAIVA)

\* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Reconstituindo a História da Mulher" durante o Seminário sobre a Mulher - Região Norte/Brasil, em 13.05.86, em Belém - Pará.

Este trabalho pretende realizar uma pequena etnografia sobre as imagens da mulher negra, tomando como base de apoio quatro jornais representativos da chamada "imprensa negra" em dois momentos tidos como nitidamente opostos em termos do encaminhamento da luta dos negros e do discurso construído por suas lideranças. Estes dois momentos são as décadas de 1930 e 1970.<sup>1</sup>

Neste sentido, o que me proponho examinar, é de um lado, o discurso do homem negro sobre e para a mulher negra, e, de outro, as próprias "falas" dessa mulher, tal como aparecem (quando aparecem) nos documentos citados. A partir daí, a idéia é revelar as imagens da mulher negra, que são veiculadas desse modo. Jogando com "figuras-símbolos" femininos, da história negra ou não, elas permitirão mostrar qual a identidade percebida e/ou desejada para essa mulher o que, por sua vez, revela até que ponto a ideologia racial dominante permeia ou não essas "construções".

Gostaria de lembrar que a construção dessas imagens, não pode ser desvinculada do contexto mais amplo do ideal de branqueamento da sociedade brasileira, que quer com a adesão ou não das lideranças negras, (marco da diferença entre os dois momentos), penetra no seu discurso, mesmo sem ser convidado. É a partir dessa matriz, embora não só dela, que as imagens vão ser compostas, podendo se supor que, por aí, o modelo branco/masculino da sociedade brasileira, estará presente de alguma forma.

Devo informar que os jornais usados neste trabalho foram: "O Clarim da Alvorada" e "A Voz da Raça" para o primeiro período de que trata o texto, e "SIN-

1 Apesar de tomar como corte temporal estas duas datas, em alguns momentos precisei recuar um pouco, pegando o final dos anos 1920, ou avançar para incluir o início da década de 1980.

BA" e "JORNEGRO", para o segundo. 2

Nesta tentativa de recompor através das "falas negras" as imagens da mulher negra, que elas traduzem, creio que podemos apontar para um dado, que se num certo sentido poderia parecer uma contradição, na verdade, examinado nos seus devidos termos, não o é.

Trata-se do seguinte: se o modelo de mulher é branco, como explicar a força e nitidez da figura-símbolo mais importante (ou praticamente única) do discurso negro, que é a da Mãe Preta? 3

Segundo apontam meus dados, e a história da identidade feminina nos ensina, a consagração da Mãe Preta como símbolo da "raça" - e aí, não só da mulher negra - só se sustenta por ter justamente esta base dupla bem articulada, embora isso possam não estar conscientes de todo, os seus construtores.

A escravidão é vista como a instituição nefanda por excelência, como a fonte de todos os males,

2 Destes jornais, o primeiro citado surgiu em 1924, em São Paulo, como um órgão 'noticioso e literário' mas logo se transformando num veículo de luta do meio negro. O segundo, A Voz da Raça, surgiu em 1933 também em São Paulo e era o órgão oficial da Frente Negra Brasileira, primeira organização negra de caráter nitidamente político, após a abolição. Quanto aos dois últimos, SINBA (Rio de Janeiro) e JORNEGRO (São Paulo), são fortemente representativos da fase da retomada pública, das organizações negras, que culmina com a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), após o grande "silêncio" a que foram submetidos todos os movimentos sociais pelo regime autoritário instaurado com o golpe de 64.

3 Devo dizer que do modo como estou colocando, esta figura-símbolo pode ser mais identificada com o primeiro momento (déc./30), mas na própria tentativa de exorcizá-la, ela continua fazendo parte do discurso das lideranças mais atuais.

passados e presentes, do negro. Mas, ao mesmo tempo em que é execrada como fonte de martírio, é a escravidão também que permite ao negro ser exaltado como o herói-construtor da pátria brasileira. Desse modo, embora condenado veementemente a instituição escravista, ela é o único "trunfo" de que o discurso negro pode lançar mão para "promover" a raça. Na verdade, não é apenas o martírio do negro escravo que suas elites pensantes condenam - na medida em que a obra que este realizou está vinculada, tristemente, a ele - mas, sim, o não reconhecimento dessa "epopéia gigantesca", e o não pagamento, da "dívida" que o Brasil tem para com os "heróicos avangos".<sup>4</sup> Daí que o 13 de Maio se reveste de uma importância tão crucial. É que nele, os negros estão apenas celebrando o "fim da escravidão", mas mostrando ao mundo a sua "outra face", a de verdadeiros construtores da pátria e da nacionalidade.<sup>5</sup>

Toda essa minha digressão, vem a propósito de mostrar, através do símbolo mais marcante e celebrado da década de 1930 - que é também o modelo para as imagens da mulher negra daquele momento - que toda a retórica das lideranças negras em torno do tema da escravidão, e dos heróis que ela produziu, revela do difícil jogo de equilíbrio, para conciliar uma exaltação ao próprio elemento negro, com a dramática adesão à ideologia da "brancura". Trata-se portanto de juntar num mesmo modelo de mulher, as "qualidades" da negra - mas daquela que é heroína de um tempo que "já passou" - com as "virtudes" da branca, esta pensada

4. Os termos usados neste último período do texto, foram retirados do próprio discurso das lideranças negras mais antigas, veiculadas através da sua imprensa.

5 Este é, aliás, um aspecto do discurso negro e das celebrações de datas como esta e 28 de setembro (Dia da Mãe Preta/Lei do Ventre Livre), que as lideranças negras mais recentes, não parecem tentar perceber, vendo apenas a exaltação do branco magnânimo (Princesa Isabel), ou do negro servil (Mãe Preta).

como uma figura a-temporal, para compor a identidade positiva e não estigmatizada da "nova negra".

Usando agora a própria fala dos negros e negras, através de trechos extraídos de dois de seus jornais importantes da fase em questão, tentarei tornar "visível" o que disse até aqui.

Para se referir, de modo geral, às mulheres escravas, O Clarim da Alvorada, (28/set/1930), diz: "as mulheres negras que deixaram a terra longínqua, angustiadas e afflictas, mas, carinhosas e affectivas, deram o agasalho de seu seio e com seu leite enrobus-teceu a infância dessa aristocracia de hoje... 6

Mas, a figura mais exaltada é sempre a da escrava e mulher por excelência, a Mãe Preta. Assim, temos no mesmo jornal, no 13 de Maio do ano anterior (1929):

"Figura amável e sincera... para gaudio desta geração, ella foi duplamente sacrificada, para a grandeza desta Patria, deu um seio tumido em holocausto...! ...Mãe Preta, symbolo de gloria de uma raça heroica, mãe da nacionalidade Brasileira."

Do jornal da Voz da Raça, órgão da Frente Negra Brasileira, destaquei duas estrofes do poema de Cyro Costa, intitulado Mãe Preta 7, que é sempre citado neste e em outros jornais da época:

"Sobre um velho girao forrado de um esteira  
ei-la embalando ao colo - e com que amor na fala,  
o 'Sinhosinho branco' a quem se dava inteira,  
até que, adulto fosse um dia ver gastá-la!

... ..

6 As transcrições dos trechos dos jornais, foram feitas sempre na forma como aparecem nos mesmos.

7 A segunda estrofe do poema está gravada no pedestal da estátua da Mãe Preta, no Largo do Paissandu, (centro da cidade de S. Paulo).

"Na escravidão de amor, a crear filhos alheios, rasgou, qual pelicano, as maternais entranhas, e deu à Pátria livre, em holocausto, os seios!

A partir do que já falei antes, acho que a eloquência do discurso, não precisa de mais nada para se fazer sentir.

Mas, a preocupação dos jornais não era apenas a de exaltar figuras do passado e sim também, instruir, a partir daí, as mulheres negras do presente. Neste sentido, é bastante sintomático o aparecimento nos dois jornais tomados para análise, de páginas dedicadas à mulher, com os sugestivos nomes de "Sociais", "Secção Feminina" e depois "Página Feminina", no "Clarim"; e de "Secção Doméstica", "Sociais" e depois, (no último ano de publicação), "Secção Feminina" na "Voz da Raça".

Nestas "páginas femininas", três temas relacionados à mulher merecem destaque: a exaltação do amor romântico e da figura dócil e amorosa da amada; a apresentação da vida como um "eterno sofrer", mas também como um "manso lago azul"; e o desejo de "instruir" as mulheres a respeito da questão negra e da luta levada por suas lideranças. Apesar de ter falado em três temas, pode-se dizer que, permeando os três, como uma espécie de parâmetro a guiá-los, está a forma de pensamento ou de representação social da mulher negra, que é, em muitos sentidos, tão negativa quanto a da sociedade branca brasileira em relação a ela. Embora deva dizer que essas lideranças negras também compunham uma imagem negativa do homem negro, mesmo assim, obedecendo a um modelo mais geral, na confrontação homem/mulher negra, esta sai sempre perdendo. Neste sentido, a "instrução" de que falei acima, vale também e certamente mais, para "ensinar" à mulher negra a "ser mulher".

Vou usar novamente o próprio discurso negro, para tecer depois alguns comentários sobre a imagem

de mulher que ele procura passar. Inverterei a ordem dos temas mencionados, até porque ao inaugurar sua "secção Feminina", o "Clarim" diz logo a que vem a mesma:

"Esta página está destinada a todas senhoras e senhoritas, que queiram nela colaborar, porém sugitando as nossas exigências, isto é, não queremos aqui, banalidades inúteis e cousas infastiosas nos leitores inteligentes." (1928, nº 3)

Com esta "recomendação" não é de admirar que, como reclama depois o jornal "as nossas petricias ainda não vieram ao nosso encontro...". Na verdade, as poucas (e corajosas) colaboradoras, escrevem mesmo é sobre culinária, historistas singelas de amor (aliás quase sempre sem "happy end"), perdas afetivas (particularmente dos pais na infância), conselhos às jovens casadoiras, etc. E nisto elas seguem estritamente de perto, o modelo masculino de discurso sobre elas mesmas.

No "Clarim da Alvorada" (1928), num artigo intitulado "A sinceridade", uma leitora diz por exemplo:

"Portanto aquella que amo com esta pureza e sã moral do amor, que é a sinceridade, poderá gozar de todas as alegrias consoladoras que nos concede o Onipotente.

... e a ela (a sinceridade) devemos confiar a vigia até que num bello dia de primavera possamos dar o braço fiel e digno de esposa."

Se compararmos este trecho da fala de uma mulher com outro do jornal "A Voz da Raça" (1936) do "Bilhete a uma noiva", escrito por seu pai, veremos mais ou menos a mesma forma de pensar a mulher: "O matrimonio é uma união instituída e abençoada pelo creador, para unir em um círculo doirado - prisioneiros perpétuos - dois corações que se amam.

O esposo dá o pão e o conforto; a esposa, Deus do lar, dá o beijo que encoraja e o carinho que

revigora.

E tu noiva, sê sempre fiel, dócil e carinhosa para o teu esposo e defensor...

E viverás tu e ele na brandura de um menso lago azul..."

É importante lembrar aqui que este tipo de modo delo mostrado em cores tão fortes como a "vida real" da mulher negra, foge praticamente de modo total, daquilo que era (e ainda é, infelizmente) a dura realidade de cotidiano dessa mulher, que mesmo quando tinha junto a sí um companheiro, arcava praticamente sozinha com o sustento da família. Isto quando esta não era composta apenas dela mesma e seus filhos, como demonstram análises sobejamente conhecidas, antigas ou mais recentes. <sup>8</sup> Acontece que a imagem da negra, neste discurso era a das "senhoras e senhoritas", das "damas" ou das "Rosas Negras", <sup>9</sup> que tão ambigualmente como a própria categoria mulher, deviam ter algo de escrava (Mãe Preta) mas também, mesmo de longe, da "senhora", (Princesa Isabel).

São estas ao que parece, as matrizes de negritude e da brancura, entre as quais a mulher negra devia gravitar, quando se diz que "as damas negras

<sup>8</sup> Lembro aqui os estudos de Florestan FERNANDES, especialmente, "A Integração do Negro na Sociedade de Classes"; Carlos A. HASENBALG, "Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil", L.H. OLIVEIRA, R.M. PORCARO e T.C. Araújo COSTA, "O lugar do Negro na Força de Trabalho", Sueli CARNEIRO e Thereza SWICS, "Mulher Negra"; Zahidê MACHADO NEID, "Mulher: Dimensão de sua brevidade/Dimensão de Existência. "Um Estudo de Caso com Mulheres Faveladas".

<sup>9</sup> "Rosas Negras" era o termo usado para designar o grupo de mulheres que trabalhavam na parte assistencial e festiva (ornamentação da "Sede e preparo dos "doces e salgados") da Frente Negra.

de hoje são fragmentos que recordam a mãe martyr e dócil", ou quando se homenageia uma jovem negra (com um poema) dizendo-lhe ser ou ter ela "o mármore da lua prateada", "o claro das manhãs" a "candura da ninfa".

Mas "ser mulher" também implica em ser sempre a negação da outra imagem, a da liberdade feminina de uma escolha de vida, inclusive da recusa do parceiro "traçado no céu". Neste sentido, o contrário da imagem acima citada, como a correta e desejada é a da "vil messalina", "negra traça", "Lucrecia Borgia da atualidade" cujo "esqualido virus me atrofia" no dizer do autor de um poema sugestivamente intitulado "ADULTERA" publicado pela "Voz da Raça" em 1936, na sua primeira "Página Feminina".

Estas são, rapidamente traçadas, as imagens da mulher negra, que pela voz de seus intérpretes (também negros) aparecem nos dois veículos mais representativos do movimento pelos direitos dos negros em São Paulo, na década de 30.

Viajando no tempo, para chegar a uma época ainda mais próxima de nós, vejamos o que nos apresenta, neste particular a imprensa negra dos anos 70.

Usaremos para isto, novamente, dois jornais representativos desse momento, um no Rio, o SINBA e outro em S. Paulo, o JORNEGRO.

Devo dizer que, para mim, apesar do momento ser outro, apesar da negritude e do feminismo, parece que as coisas não mudaram tanto, ou pelo menos, mudaram só alguns elementos da representação, por esses veículos, da identidade feminina. Mas, no fundo, a imagem da mulher negra não é muito diferente daquele do período mais antigo.

Penso que um dado fundamental para pensar essa mudança apenas de elementos, é a recusa, e aí tanto pelos homens negros como pelas mulheres negras, da figura-símbolo do 1º período - a Mãe Preta - símbolo da raça/modelo da mulher negra. Vejam bem que

não estou aqui defendendo a permanência dessa "heróina", para a raça, ou desse modelo para a negra em particular. Estou querendo apenas convidá-los a pensarem um pouco esse dado, para perceber o que mudou em relação à imagem da mulher negra - tema de nossa conversa - com a recusa (justa a meu ver) desse modelo. Em primeiro lugar que figura-símbolo substitui a primeira? Não foi certamente a de uma mulher, pois nenhuma Luiza Mahim, mesmo com todo o valor que possa ter (e ela é quase só lembrada por causa do filho, Luiz Gama) conseguiria substituir a Mãe Preta. Para substituí-la, as lideranças negras (principalmente com postas por homens) elegem Zumbi dos Palmares, deslocando as celebrações negras, que por sinal, eram dadas, de certo modo, ligadas à mulheres (13 de maio/ Princesa Izabel e 28 de setembro/Mãe Preta), para o 20 de novembro (morte heróica de Zumbi). Zumbi passa a ser então (ou deveria pelo menos passar a ser), o herói celebrado, o símbolo e modelo de toda a "raça" (negros e negras do Brasil). Modelo, não de qualidades ou virtudes particulares (interiores), mas de rejeição aos valores brancos da matriz européia (substituídos pelos da matriz africana), da resistência à dominação branca e da conquista (sem "padrinhos" ou "madrinhas") dos direitos negados historicamente aos negros.

Mas o que tudo isso teria a ver com as imagens da mulher negra? Para responder isso vou primeiro usar o discurso negro dos jornais citados, para depois voltar a este ponto e tentar desmanchar o nó que eu mesma atei.

Começando pelo SINBA, logo no seu primeiro número, (julho/1977) há um artigo com o título "A omissão da mulher negra", que começa com a seguinte indagação: "De quem sempre foi a culpa da omissão da mulher negra nos movimentos negros?", respondendo que "o que interessa é que a mulher reflita sobre o papel que poderia desempenhar... não como mulher no sen-

tido exato da palavra, mas como o elemento que sofre os mesmos problemas que os homens." E continua, "Participar do movimento negro não significa 'Curtição' e sim muito trabalho com certa gama de responsabilidade."

Na mesma página há um poema de Solano Trindade denominado "Rainhas e Escravas", que diz:

Da janela do apartamento  
Vejo só barracas no morro  
Onde moram as rainhas do Carnaval  
Imponentes rainhas do ritmo e de sexo  
Rainhas por três dias de alegrias  
Escravas do resto do ano.

Coloquei os dois discursos um depois do outro, para falar da visão preconceituosa e estereotipada do primeiro, que, no sentido em que adere à ideologia dominante e ao modelo machista de nossa sociedade, (que não valoriza a participação política da mulher, ou só a enxerga quando esta se encaixa em espaços pré-estabelecidos pelas elites "pensantes"), em nada difere da visão de mulher das lideranças dos anos 30. Ou talvez faz pior que elas, de clarando uma adesão à igualdade entre os sexos apenas "da boca pra fora". E, mais grave ainda se pensarmos a mudança na composição das lideranças negras de 70, mais intelectualizadas e "politicamente avançadas" que as antigas. No entanto, é um poeta e teatrólogo negro dos anos 40, que na beleza simples, mas ao mesmo tempo tão profunda da sua poesia, coloca toda, (ou quase toda), a problemática da mulher negra que a "vanguarda" negra não conseguia enxergar.

Nos outros números do jornal deste período e do início da década de 80, o tema só aparece tratado pelas próprias mulheres, que, embora critiquem a posição dos homens e até dos próprios movimentos feministas, acabam por cair às vezes, na armadilha que

elas mesmas preparam.

Assim, no mesmo SINBA (nº 3, ago., 1978) uma militante que não se identifica, depois de criticar as imagens da mulher negra passada pelos meios de comunicação (tipo "sardinha 88", "bole-bole", etc.) e pelos militantes homens do movimento negro, como símbolo sexual e "assimiladas culturais", aconselha as companheiras que "... será preciso muita garra, disposição, menos vaidade e 'curtição'", porque, para ela, muitas acham "que transar homens negros as tornam militantes negras".

No JORNEGRO nos dois primeiros números, não há matéria nenhuma sobre o tema. No terceiro número, (julho/1978) um articulista negro, comenta, criticando, um concurso de Miss Crioula, em que esta era mulata, dizendo: "O engraçado é a incoerência, Miss Crioula e ser mulata... Não tenho nada contra as mulatas. Antes muitíssimo pelo contrário... gosto, babo, me derreto todo diante da resultante da mistura das raças que se odeiam de dia e se amam no cochicho da noite..." Com esse discurso, mais parece Gilberto Freyre falando do "óleo lúbrico da miscigenação" que tudo suavizou, do que um negro escrevendo no "seu" jornal.

Um outro tema que é retomado, em termos opostos ao tratamento dos jornais antigos, é o da Mãe Preta, e novamente a propósito das comemorações do 13 de maio. O jornal nº 7 (.../1979) pergunta: "Mãe De Quem?", e diz, "o monumento nada mais representa que a imagem da subserviência forçada à qual dão o nome de bondade", criticando também os "versos de um tal Cyro Costa", que reforçariam a imagem do negro bom, sem ressentimentos, sem maldades...". Gostaria de lembrar, a partir disto, a força e persistência dessa figura-símbolo - agora execrada - na medida em que, mesmo assim, ela continua presente (a pesar de como imagem invertida), no discurso e no protesto das lideranças negras e de seus veículos

de luta.

Para terminar as referências dos jornais, que ro mostrar as imagens da mulher negra que elas mesmas retratam, repelindo a ideologia machista que as vê diminuídas e incapazes, reproduzindo para elas, o pensamento do branco para negros e negras.

Ainda no SINBA em dois números do início de 1980, Léa Garcia, conhecida militante e atriz que começou a atuar no TEN (Teatro Experimental Negro) na década de 1940, mostra que "não pode haver omissão por parte de quem não compreende o processo sócio-econômico-cultural que nos envolve", referindo-se à negra brasileira, que "conserva-se ainda, como a figura muda de uma história onde jamais foi o personagem-título, o sujeito." E Pedrina de Deus, outra militante negra, protesta contra um projeto da natalidade (que atingiria, é claro, particularmente a mulher negra), defendendo o direito da mulher de "querer ou não querer ter filhos", mostrando que o "controle" significa também "ter menos uma cabeça para pensar sobre nossos problemas, ter menos dois braços para lutar pela verdadeira libertação". Realmente, como se pode ver, já se coloca uma grande diferença de percepção entre essas mulheres e as "senhoritas" que falavam de "amor e primavera", nos anos 30, e portanto, uma outra imagem de mulher negra.

À guisa de fecho destas reflexões (vejam que não falo em conclusões), retomo a questão que deixei em aberto, qual seja, de pensar todas essas representações/imagens de mulher negra, no contexto mais amplo do modelo de pensamento brasileiro que não se enquadra, ao que penso, numa matriz dualista do "é ou não é", que não opera pela exclusão, absoluta, mas pela incorporação, embora hierarquizada. Não fossemos nós um país de tradição católica e não protestante.

Daí que, passando por cima de muita coisa que

precisaria ser dita, ao retratar e comparar aquelas "imagens" em dois momentos, percebemos que no primeiro, em que a opção, (por homens e mulheres negros), dirige-se a um modelo que é a própria antiguidade - pois representa, ao mesmo tempo, a submissão e a força construtora da "raça" negra no Brasil - a figura feminina é muito mais presente, mesmo com toda a crítica que se deva fazer à forma como é posta. Já no segundo momento, em que se joga com a "igualdade" dos sexos na produção das imagens femininas, esta praticamente "desaparece" de cena, e quando surge, sua imagem continua a ser composta dos mesmos elementos que, dado o "avanço" e o momento da luta, pareceriam inconcebíveis.

Diria então que "totalizar" as categorias, englobando homens/mulheres enquanto militantes, não melhora o tratamento da questão da mulher, tanto quanto (e esta parece ser a crítica das mulheres negras aos movimentos feministas), da própria luta feminina, se esta se pretender globalizadora, no seu "pensar a mulher". Sem atentar para as especificidades das situações das categorias envolvidas, e, porque não dizer, para as ambiguidades e mediações que, quer ramos ou não, fazem do Brasil que ele é, <sup>10</sup> apesar de investir contra elas, as imagens da mulher de "qualquer cor" (e particularmente da negra), continuarão a surgir na forma preconceituosa e estereotipada que mostramos, porque informadas por um modo equivocado de pensar e tratar a questão.

<sup>10</sup> Gostaria de referir aqui, as análises de Peter FRY (1982), Roberto da Matta (1979 e 1985) e Dante Moreira LEITE (1969), que, embora percorrendo vias diferentes (até certo ponto), contribuem de forma enriquecedora e provocativa, para o debate de questões que apenas mencionamos "telegraficamente", já que sua discussão fugia aos limites deste artigo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Sueli & SANTOS, Thereza. Mulher negra; política governamental e a mulher. São Paulo, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, v. 1, n. 3, abr. 1928; v. 6, n. 16, 13 maio 1929; v. 7, n. 30, 28 set. 1930.
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e heróis; traça uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. A Casa e a rua; espaço cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- FERNANDES, Florestan. A Integração do negro na sociedade de classes. São Paulo, Dominus, 1966.
- FRY, Peter. Pra inglês ver; identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- JORNEGRO. São Paulo, v. 1, n. 3, jul. 1978; v.2, n. 7, 1979.
- LEITE, Dante Moreira. O Caráter nacional brasileiro; História de uma ideologia. São Paulo, Picareira, 1969.
- MACHADO NETO, Zahide. Mulher: Dimensão de sobrevivência, dimensão de existência; um estudo de caso com mulheres faveladas. Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, UFBA, 1984. (Caderno, 1)
- OLIVEIRA, L.H. et al. O lugar do negro na força de trabalho. Rio de Janeiro, IBGE, 1983.
- SINBA. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jul. 1977; v. 2, n. 3, ago. 1979; v. 3, n. 4, mar. 1980.
- A VOZ DA RAÇA. São Paulo, v. 3, n. 55, jul. 1936.

## A ORIGEM DO HOMEM OU DA MULHER ?

Ana Rita Pereira **ALVES**  
Antropóloga, professora  
adjunto atuando junto ao  
Departamento de Morfolo-  
gia e Departamento de His-  
tória e Antropologia da  
UFPA.

Ao se traduzir a palavra Antropologia temos que ANTHROPO significa Homem e LOGIA estudo. Ao nos referirmos à ciência Antropologia a definimos como "a ciência que estuda o Homem".

Existem duas divisões básicas da Antropologia. De um lado a Antropologia Física e de outro a Antropologia Cultural. A primeira dedica-se ao estudo da evolução humana e a segunda ao estudo da cultura e so-  
ciedades humanas.

Colocado deste modo, nenhum fato estranho existe entre estes ramos da Antropologia. Portanto, a Antropologia inicia sua investigação tentando explicar a origem do ser humano. Prossegue esta ciência tentando explicar as peculiaridades e diversidades de cada cultura humana.

Os estudos antropológicos realizados desta maneira apresentariam uma estrutura lógica de um sistema social ou seja, realizariam estudos das sociedades humanas tendo como objeto de estudo destas sociedades o homem e a mulher.

Ocorre que não é este o caminho que vem sendo trilhado pela Antropologia Física e Cultural. Os estu-

\* Trabalho originalmente apresentado e discutido na mesa redonda denominada "Reconstituindo a História da mulher" durante o Seminário sobre a Mulher-Região Norte/Brasil, em 13.05.86, em Belém-Pará.